## ENTREVISTA

## Alguns fotogramas do noivo do cinema

A trajetória de Damata, o apaixonado que mantém Brasília por dentro do cinema mundial

Rubens Araújo

osé Damata, 33 anos, é um cinéfilo histórico de Brasília. Assessor de cinema da Fundação Cultural e programa-dor do Cine Brasília e da Cultura Hispânica, é ele que, aos trancos e barrancos, abastece o público local de filmes de arte. Isso há 15 anos, desde que chegou à cida-de e se apaixonou por filmes como Cara a Cara, de Júlio Bressane, e Roma, Cidade Aberta, de Rosselini. É daquelas pessoas que poderia se chamar de noivo do cinema, porque é avesso ao casamento, senão, já teria casado. De papel passado e tudo. Os amantes da sétima arte devem a ele a persistência da obraprima nas telas e algumas histórias mitológicas. Conta-se que, além de distribuir filmes, ele distribuía também lança-perfume nos velhos car-navais. Lenda ou não, é certo que esse baiano, nascido em Barreiras, já se moldou a vida de Brasília. Indevassavelmente. Com vocês, fotogramas da vida de Damata:

JBr - Quando é que você teve seu primeiro contato com o

Damata - Minhas primeiras sessões de cinema foram no sertão da Bahia, numa cidadezinha a 750 Km de Brasília, chamada Barreiras. Lá, no início dos anos 60, existia o cine Roma e dois outros. Hoje, não existe mais nenhum cinema. Por incrível que pareça, a televisão conseguiu expulsá-los. Barreiras era privilegiada, porque naquela época existia a Pan Air do Brasil, que ligava o Rio de Janeiro até essa cidade. Assim, os filmes que estavam sendo exibidos no Rio de Janeiro. podiam ser exibidos na mesma se-mana em Barreiras. Você via então, fitas como O Vale das Grandes Batalhas, Labirinto de Paixões, O cinemão americano, evidentemente.

Mas, como é que era. Você era daqueles garotos que vivia no cinema?

Era um cinemeiro desde

Isso não irritava seus pais, afinal, tinha os estudos, a escola...

- Ah, meus pais brigavam afinal, eu matava aula no Colégio Padre Vieira a tarde para ver filmes. Eu via tudo. Filmes da época da chanchada, como os de Carlos Manga, de Oscarito, do Grande Otelo; obras como **Aí, vem o Ba**rão, Aviso aos Navegantes, Pintando o Sete. Nesse mesmo período, a gente via os clássicos do cinema. Minha geração é privilegiada. porque ao invés de assistir kung fu, assistia Shane. No Tempo das Diligências, Consciências Mortas...

Você quer dizer que sua geração é mais consciente que as outras?

- Não. É porque não existia esses filmes de hoje. O que é que a geração de hoje assiste nas matinês? É kung fu. O interesse por bons filmes foi diminuindo. Barreiras na década de 60 era povoada

 Você chegou a ser reprova-do na escola devido sua paixão pelo cinema?

Eu sempre fui péssimo na escola. Eu matava aula direto. Meu negócio era cinema. Eu comia cinema. No interior era assim, bastava fazer amizade com o porteiro do

Um filme que tenha lhe marcado muito nessa fase de adolescente...

Foi um filme com Johnny Weissmuller, chamado Tarza e as Amazonas. Era um filme fantástico. Nunca mais o vi. gostaria até de revê-lo. Tinha o Tarzã, jacarés, veneno, as amazonas envenenando o Boy. Foi um dos primeiros filmes

que vi na vida. Nessa época, você pensava em algo do tipo "eu quero ser ator de cinema, quero fazer um

Não, isso nunca passou pela minha cabeça. A minha idéia era de um dia ter um cinema só para mim. para ver tudo o que eu quisesse. E acho que hoje, eu consegui isso pois quando não consigo ver um filme que esteja passando na cidade. é só reprogramá-lo para passar num cinema. O sonho que eu acalentava era o de ter um projetor, e não uma máquina de filmar. Na época, eu tinha consciência que a filmografia no mundo era imensa. Pô, tanto filme rolando, e eu estava preso a um circuito muito limitado. Ficava agontado. O cine Roma pertencia à Universal Pictures, e ne-le só passavam os filmes da **Univer**sal e da Atlântida. Só quando eu cheguei em Brasilia, pude ter contato com o cinema europeu, através do Cineclube ministrado por Geraldo Sobral Rocha, Rógerio Costa Rodrigues e Walter Melo.

- Como é que foi esse contato com um cinema tão diferente daquele que você estava acostu-

 Eu tinha 16 anos e fiquei impressionado o cineclube lotado, e as pessoas assistindo Cara a Cara, de Júlio Bressane. Fiquei pasmo. Meus heróis eram Steve Reeves. Hércules, Brad Harris, essas figuras mitológicas que o cinema italiano e americano mostravam. Meus heróis eram Audie Murphy. Randolph Scott, Rock Hudson. No cineclube de Brasília descobri que cinema não era só violência. Era também texto. interpretação. Para minha sorte, logo depois de Cara a Cara, veio um ciclo sobre o cinema neo-realista. Descobri de vez o cinema. Vi tudo que passou nessa época. Era tempo

Damata, preocupado com os alunos da UnB: "O que eles mais pedem nas locadoras é Rambo!

O público está mais burro. Parece que foi absorvido pela tecnologia. As pessoas não vão ao cinema antes de ver o Jornal Nacional, por exemplo. Por isso, nossas sessões têm que começar só a partir das 21 horas

também do auge do cinema novo, do pré-Al-5 e da briga nas portas do cineclube, porque só tinha uma sessão de cinema, já que no dia seguinte a Escola Parque era para o teatro. Isso tudo me enriqueceu.

- Dai para você ter seu cine-

ma foi um pulo... Quando surgiu o AI-5, época do endurecimento, onde até os cineclubes eram censurados, o Rogério e o Geraldo ficaram desestimulados e resolveram acabar com o cineclube de Brasília. Ficou então aquele grande vazio na cidade. Até que eu e alguns amigos resolvemos fundar o Cineclube Nelson Pereira dos Santos. Batalhamos um lugar e conseguimos na TV Brasília. A esdo cineclube foi com o filme Mandacaru Vermelho, com a presença do próprio Nelson Pereira. do Tarcísio Meira, do Jece Valadão. Ele funcionou contudo só oito meses. Era muito confuso juntar cinema e televisão, num só lugar. Conseguimos então um novo espaço, a Escola Parque novamente, com sessões sempre aos domingos e com uma programação vinculadas já a grandes distribuidoras. O primeiro filme que passamos lá foi Morte

em Veneza, do Luchino Viscoi · Vocês não tiveram problemas com o Governo Militar, nes-

Tivemos problemas seríssimos. Filmes como O Silêncio, do

Bergman, tivemos que passá-lo com o censor dentro da cabine de projeção. Tinha as instruções no certificado de liberação para cortar determinadas cenas, e isso era incrível num cine-clube. Os filmes, aliás, já vinham com corte, feitos pela distribuidora, mas mesmo assim os censores não confiavam. A gente vivia a época de Rogério Nunes, que era o diretor geral do Departamento de Censura. O censor ficava dentro da cabine até o fim da sessão.

Vocês nunca tentaram bur-

lar a censura? Houve casos sim. Às vezes, nós anunciávamos filmes na sextafeira, e acabávamos exibindo-o no sábado. No peito e na raça. Mas, os censores nunca chegaram de surpresa porque se baseavam nos roteiros dos jornais.

Quais são os melhores fil-

mes do mundo para você

— Eu tenho dois grandes filmes na minha vida, Mouchette e Shane. Eu gosto de Mouchette pelo tratamento que o seu diretor, Bresson, deu à criança. É um filme que toca até a alma. Você é capaz de chorar no cinema. É um filme brilhante, muito bem realizado. Shane é o melhor western do cinema. Está alí a melhor fotografia, uma das melhores histórias de bang-bang. Nele. está todo o universo do Western.

- Quantas vezes você viu esses dois filmes? Ah, milhares de vezes. Vi to-

das as sessões que passou no cinema. Deve ter sido umas vinte vezes. - Você é o exibidor de filmes

no circuito alternativo que consegue trazer fitas para o público. Como você consegue mais isso? Quais as grandes dificuldades desse tipo de trabalho?

- Há 15 anos, nós tínhamos no Brasil, cerca de 15 a 20 distribuidoras para filmes de arte. Tínhamos 600 cineclubes funcionando. Hoje, se tivermos oito cineclubes funcionando regularmente, temos muito. Distribuidoras, temos duas ou três. e, mesmo assim, em final de carreira. Desse modo, ficaram apenas os colecionadores de filmes, que são os que salvam os cineclubes sobreviventes. O que acontece também é que houve um emburrecimento geral nos últimos anos. Com a evolução da televisão, o público

emburreceu-se. Parece que foi absorvido pela tecnologia. As pessoas não vão ao cinema antes de ver o Jornal Nacional, por exemplo. Tanto é que nossas sessões começam

 A televisão tem provocado então a mudança do esquema de

Exatamente. Se você colocar um filme de arte no horário de um grande jornal ou de uma grande novela, não vai ninguém. A audiência do filme de arte, por causa disso, caiu em 70% nos últimos anos. É a loucura total desse país. As pessoas chegam para mim e dizem que deixou de ver Vá e Veja, de Elem Klimov, no cinema porque já têm disponível em vídeo. E são pessoas que sei que são cinéfilos. Quando as pessoas character do si as pessoas chegam na porta do cinema e perguntam se o filme é colorido ou preto e branco, para poderem entrar, eu fico indignado. É o fim do mundo. Na UnB era sagrado colocar cartazes dos nossos filmes, no minhocão e na biblioteca. Hoje, eu não conto mais com aquele pes-

soal. Nem vou lá.

— Porque? Você não acredita no interesse dos jovens por esses tipos de filmes?

O público jovem não comparece. Para você ter uma idéia, a fita mais retirada no videoclube da UnB é Rambo. É um negócio doloroso. - Você quer dizer então que

As pessoas vão às locadoras como se estivessem indo à feira, como se fossem comprar abacaxi ou banana. Um dia, pedi um clássico, numa locadora, e eles me trouxeram o Marcelino Pão e Vinho. Acredite

o mercado de cinema alternativo só depende hoje da mesma gera-

ção que via filmes de arte há dez

anos atrás?

 O nosso público ainda é o mesmo público exatamente da geração de 68, 69 e 70. Evidentemente, que tem alguns gatos pingados da Universidade, como o pessoal do curso de comunicação, incentivados pelos professores da área de cinema. Mas é um número reduzi-díssimo. Lá na UnB tem um cineclube que não funciona porque não tem público, e é de graça. Que me desculpe o Cristovam (Buarque, reitor da UnB), mas os jovens da universidade estão totalmente desinteressados. Imagine, preferir **Rambo** a um filme de arte...

Os cineclubes estão fadados a desaparecer...

 O descaso é geral. Em qual-quer país, existe uma lei que obriga a ser depositado em sua cinemateca uma cópia de todo filme estran-geiro exibido nos cinemas. Hoje. por exemplo, você não pode exibir O Iluminado, de Stanley Kubrick, porque não existe cópia. Nenhuma cópia foi entregue a Cinemateca Nacional ou do Mam. O que acontece é que depois de cinco anos de exibição do filme, se ninguém requisitá-lo para reexibição, ele acaba sendo queimado.

Se é tão difícil manter e exibir o filme de arte no Brasil, de que forma o Rambo pode ser

vencido?

 O Rambo é invencível. Enquanto o Daunbailó (de Jim Jarmush), estréía no Brasil com apenas duas cópias, são feitas 250 cópias do Rambo. Só para dar um triste exemplo, **Daunbailó**, pertence a uma distribuidora, a **Skylab**, que faliu agora. E olha que essa distribuidora é a mesma de Diabo no Corpo e outros filmes importantes. Mas, faliu. O circuito exibidor não suporta mais esses tipos de filmes. Além disso, tem o problema dos cinemas brasileiros mal equipados. O operador de cinema hoje não entende nada de cinema, não sabe distinguir uma lente cinemascope de uma plana. O operador hoje, coitado, vive desmaiando de fome nas cabines. O cara fica das 14 às 22h00 passando um filme para ganhar um salário mínimo. Tudo isso e mais o aparecimento do vídeo, aju-dou a retrair o público do cinema.

– Você tem vídeo em casa? Tenho para gravar minhas sessões classe A, os filmes clássi-

Se dependesse de você, as locadoras iriam então à

- Se dependesse de mim, elas nem existiriam. eu prefiro ver cinema a vídeo evidentemente. Não tem nem comparação. Como é que eles vão mostrar o **Blade Runner**, que é cinesmacope?. A tela da televisão é plana. Blade runner não cabe em televisão nenhuma. Além do mais, às pessoas vão as locadores como se estivessem indo à feira.como se fosse comprar abacaxi ou banana. Um dia cheguei numa locadora e pedi para ver um clássico, e eles me trouxeram Marcelino Pão

e Vinho. Dá para acreditar Algumas pessoas comentam que você costuma ganhar bastante dinheiro com a atividade de exibidor...

- São outras atividades, outras ocupações que me dão mais dinheiro. No cine Brasília, um filme paga o outro. Algumas vezes até temos excedentes e, com isso, fazemos um fundo. Mas, a gratificação maior é a presença do público. Eu nunca neguei que tenha ganho muito dinheiro com exibição. Eu já ganhei, sim, antigamente. Hoje em dia isso não dá mais dinheiro. O grande lucro que tenho agora é ver a casa cheia.

- Você também é um colecio-

nador de filmes? - Eu sou um colecionador de filmes importantes. Sou considerado um dos maiores do Brasil. Mas, só empresto meus filmes para pessoas que estão com o projetor em dia, que eu sei que não vão prejudicá-los. Não vou emprestar para qualquer cineclube de periferia. Eu não sou maluco. Só para dar um exemplo, eu tenho cópia de um filme clássico como O Grito, de Antonioni. Só que não vou ceder para qualquer pessoa.

- Você é casado com o cinema ou é casado mesmo...Tem espaço para o matrimônio dentro

dessa sua palxão pelo cinema? Minha grande paixão é o cinema. È realmente a primeira coisa em minha vida. Eu tenho conseguido aliás grandes paixões através do cinema, passando filmes para minhas paixões...Mas, não sou casado, nem pretendo casar. Casamento é um papo muito sério, algo muito melindroso.

E a atriz por quem você se apaixonou?

Marina Vladi, a musa do Godard. Das contemporâneas, minha paixão é a Nastassa Kinski. Já vi milhões de vezes O Fundo do Coração, por causa da Nastassa. Outro dia, eu me apaixonei por uma mulher só porque ela parecia com a Kim Novak, outra de minhas musas

- E o maior ator do mundo? - Tem vários. Tem Walter Brenan. Desse, eu vejo todos os filmes. Tem Humprey Bogart, Jean Gabin. Tem os atores que fazem o cinema B, como o Rondolph Scott.

- E seu diretor preferido? - São muitos. Tem John Ford, Bresson, George Stevens, Jacques Tati, Godard, Glauber Rocha... Mas, o grande cineasta, completo, é mesmo John Ford. Esse sabe contar

## MEMÓRIA



Charles Chaplin e sua filha Geraldine

## Dustin Hoffman será Chaplin

principal comemoração do centenário de Charles Chaplin será feita no cinema, arte que o criador de Carlitos elevou ao nível da perfeição. O cineasta inglês Richard Attenborough, o mesmo do premiado Gandhi, está escolhendo o elenco para este desafio que é fazer um filme sobre um gênio na arte de fazer filmes. Para o papel de Charles Chaplin foi convidado o ator Dustin Hoffman, 52 anos, duas vezes vencedor do Oscar de

Attenborough ainda não escolheu o título do filme, mas quer que ele atinja o mesmo objetivo da autobiografia de Chaplin, isto é, mostrar o que foi o nascimento do cinema como arte, o crescimento de Hollywood, a revolução do cinema sonoro, as repercussões da guerra fria na vida americana dos anos 50, a relatividade da glória e da fortuna. a importância da primeira infância no desenvolvimento da personalidade e a distinção entre os resultados obtidos pelos dons e pe-

'François Truffaut disse uma vez que se fosse preciso ler um livro para compreender nosso século e o cinema, eu recomendaria Minha Vida, a autobiografia de Charles

Mas, para ser fiel a Carlitos, o filme terá que transmitir a emoção do personagem que Chaplin criou pensando num misto de vagabundo, poeta, sonhador, um sujeito solitário e sempre ansioso por amores e fantasia. Ao se referir a esta que os criticos definem como sua melhor faça a de Carlitos. Chaplin diz em sua melhor fase, a de Carlitos, Chaplin diz em sua autobiografia, que está sendo relançada pela Editora José Olympio (512 páginas, NCz\$ 26,50, com prefácio do crítico Sérgio Augusto): "Meus filmes foram destinados ao homem da rua, ao tímido que se deixa

O ponto de partida para seus filmes, Chaplin o tirava das lembranças de sua infância pobre em Londres, onde nasceu a 16 de abril de 1989. Em sua autobiografia, ele disse:

"Não precisei ler livros para saber que o grande tema da vida é a luta e o sofrimento. Instintivamente, todas as minhas palhaçadas se apoiaram nisso. Meu método de organizar a intriga de uma comédia era simples: ele consistia em criar problemas para as personagens e fazê-las se safarem deles

Esta sensibilidade detonava o mecanismo de criação do gênio do cinema, que entretanto não se valia apenas da intuição. Era se encontra pela primeira vez com a ceguinha em "Luzes da cidade" demorou 83 dias para ser concluída, sendo que 62 foram gastos em discussões e reflexões sobre a melhor maneira de interpretá-la. Chaplin levou 30 meses burilando "Luzes da cidade" e ficou I ano e meio filmando apenas as cenas do quarto de "Em busca do ouro". Poucos cineastas como ele gastaram tanta película.

Um mestre na arte de improvisar e um perfeccionista, Chaplin conseguia em seus filmes ser entendido por todos. O francês Jean Cocteau comentou: "Ele dirige-se a todas as idades, a todos os povos. O riso esperanto. Cada um se diverte com ele por motivos diferentes. Com a sua colaboração a Torre de Babel certamente teria sido construída". Já o cineasta soviético Serguei Eisenstein escreveu: Quero saber com que olhos é necessário olhar o mundo para poder vê-lo como Chaplin. Ele vê os acontecimentos mais inusitados, mais trágicos, através dos olhos do me-

Este lirismo de Chaplin que beirava mas não chegava à pieguice tinha o poder de influenciar os que tinham contato com ele. Como explicar então que o autor da versão para o português de "Eternally", que Chaplin compôs assobiando, pois não entendia de música, tenha conseguido expressar tão bem o modo de ver a vida de Carlitos? São ou não do genial vagabundo estes versos: "Para que chorar o que passou, lamentar perdidas ilusões, se o ideal que nos acalentou renascerá em outros corações?'

Filho de uma atriz de music hall e de um ator alcoólatra. Chaplin pisou num palco pela primeira vez aos cinco anos de idade, para substituir a mãe, vitimada por um acesso de tosse. Passou um tempo marcando passo como ator na Inglaterra e logo foi para os Estados Unidos onde acabou sendo contratado por Mack Sennet, o rei do pastelão. Fundou a United Artists, em 1923, em parceria com Douglas Fairbanks, Mary Pickford e David W Griffith, fez 79 filmes e teve sua genialidade reconhecida por Winston Churchill, Einstein, Picasso, Gandhi e Caruso. Só nos Estados Unidos é que seu talento custou a ser reconhecido: a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas lhe deu um Oscar de consolação, em 1973, e mesmo assim pela música de um filme feito 20 anos antes

Nos seus últimos tempos de vida, em Corrier-Sur-le-Vevey, Suiça, onde este ano estão inaugurando uma estátua em tamanho natural do comediante no papel que o imortalizou, o de Carlitos. Chaplin trabalhou até o final. Ele compunha novas músicas, sempre assobiando, e recebia a visita semanal de músicos para dar forma ao que criava. E bem passado dos 80 anos, foi entrevistado por um repórter que queria saber se gostaria de ter mais filhos. Chaplin disse que sim, mas que sua mulher, Oona, não podia mais tê-los.

No prefácio da nova edição de sua autobiografia no Brasil, o crítico Sérgio Augusto

'A genialidade de Chaplin consistiu, acima de tudo, em alcançar a simplicidade absoluta através de um processo criativo dos mais complexos e elaborados". (Ecab)